

**MODUS OPERANDI DO ABUSADOR POR TRÁS DO SILÊNCIO DA VÍTIMA
DE ABUSO SEXUAL: REVISÃO INTEGRATIVA**

Rebeca Rodrigues da Silva¹

Thiozano Afonso de Carvalho²

Magna Jaíne Alves de Brito³

David Adley Macêdo de Holanda⁴

Maiara Millian da Silva Rocha⁵

Rogéria Mônica Seixas Xavier de Abreu⁶

RESUMO Tratando-se da criança e do adolescente, a prática do abuso sexual é agravante, visto que as consequências no desenvolvimento fisiológico, emocional e social são nocivas e podem gerar recordações traumáticas na fase adulta. De acordo com a pesquisa Violência Contra Crianças e Adolescentes - Percepções Públicas no Brasil, idealizada pela empresa de negócios de impacto social Cívico, o risco para violências destinadas ao público infanto-juvenil no Brasil, ocupa o 2º lugar no ranking mundial. No entanto, dados do Disque 100, apontam em 2020 que apenas 14 mil denúncias foram feitas referente a violência sexual, revelando haver um silenciamento na busca de ajuda. O presente estudo objetivou verificar na literatura científica, os recursos utilizados por abusadores para silenciar a vítima. Trata-se de uma revisão integrativa realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), mediante os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) : abuso sexual, assistência integral à saúde da criança e do adolescente, no período de 2015 à 2020. Foram incluídos na pesquisa artigos publicados em português e inglês, com texto completo disponível na íntegra e de forma gratuita. Excluíram-se do estudo, artigos em espanhol, publicados nos anos não escolhidos e trabalhos divergentes do foco do estudo. A amostra foi composta por 4 artigos. A análise do material permitiu identificar que o abuso sexual pode ser agudo ou crônico. No abuso sexual agudo, geralmente o agressor é um desconhecido e o crime acontece fora do ambiente familiar. Enquanto que, o abuso sexual crônico é mais comum acontecer na residência da vítima, no contexto familiar, principalmente quando a criança é vulnerável. Ao final de cada episódio abusivo, a vítima é recompensada com doces, brinquedos, para manter sigilo. Quando a vítima adquire mais idade, a continuidade dos abusos é mais dificultosa, uma

¹ Graduanda em Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande- UFCG/CFP/Campus Cajazeiras. rebeca18lh@gmail.com

² Graduando em Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande- UFCG/CFP/Campus Cajazeiras. Membro do Grupo de Pesquisa Violência e Saúde – GPVS/UFCG/CNPq. Theo.tec.enf.carvalho@gmail.com.

³ Graduanda em Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande- UFCG/CFP/Campus Cajazeiras. Membro do Grupo de Pesquisa Multidisciplinares em Saúde, Sociedade e Natureza – UFCG/ CNPq. magnabrito10@gmail.com.

⁴ Graduando em Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande- UFCG/CFP/Campus Cajazeiras. davidadley1574@gmail.com.

⁵ Graduanda em Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande- UFCG/CFP/Campus Cajazeiras. majara.milliam123@gmail.com.

⁶ Enfermeira. Mestre em Sistemas Agroindustriais – Universidade Regional do Cariri - URCA , seixasxavier@hotmail.com.

vez que há risco de ser exposto pelo infante à família. Então, para o sujeito dar continuidade aos abusos a um adolescente, ele faz várias ameaças, tanto pela firme recusa do agredido, como por medo da vítima ter uma relação afetiva que não seja com o agressor, agressões físicas também são feitas. Diante da problemática, é fundamental que a família oriente e identifique aspectos comportamentais que indiquem tal violência, através de diálogos recorrentes e abertos. O Estado deve investir em educação sexual nas escolas, por meio de projetos pedagógicos, punições mais rígidas para os abusadores, além de capacitar os enfermeiros.